

Diálogos entre Literatura e História: a construção discursiva no novo romance histórico

p. 54 - 60

Carla Lavorati¹
Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira²

Resumo

O estudo tem como proposta analisar as aproximações e distanciamentos entre literatura e história na narrativa do novo romance histórico. A análise seguirá pelos caminhos da crítica e da teoria literária, investigando questões que dizem respeito à natureza poética e ao discurso ficcional-histórico contemporâneo. Nesse sentido, buscamos compreender como se concretiza a representação literária dos acontecimentos históricos, bem como, o modo como essa matéria histórica é (re)inventada no romance histórico.

Palavras-chave: Literatura; História; romance histórico.

Abstract

Based on literary and critical theories, this study analyses the closeness and distance between literature and history in the narrative of the new historical novel, investigating the poetic nature and the contemporary fictional/historical discourse. In this sense, the goal of this study is to understand how literary representation of historical events is materialized and (re) invented in the historical novel.

Key words: Literature, History, Historical Novel

Introdução

O romance histórico é um espaço rico para a observação da dinâmica histórica literária, pois se trata de um gênero que manifesta em seu interior a confluência entre ambos os discursos (histórico-literário). Esse diluir de fronteiras tão bem representadas no romance histórico não é uma relação exclusiva do gênero, tão menos, é inovadora.

História e literatura já apresentavam, em tempos remotos, amigáveis relações que em alguns momentos de tão íntimas até se confundiram. O principal ponto de intersecção que fez a História adquirir um aspecto de literatura foi à presença do mito em seu discurso. Ou seja, o discurso histórico

nasceu “contaminado” pelo discurso ficcional.

Esses encontros adquirem território e representatividade com o surgimento, no século XIX, do gênero romance histórico clássico. A postura crítica encontrada nos exemplares do gênero faz referência a um modo de análise da realidade que propõe que o presente está condicionado pelo passado. Como consequência desse pensamento, buscava-se no processo de criação do romance a fidelidade histórica. Os romances passam a apresentar uma atenção especial a análise das causas e das raízes do presente, somando-se a consciência que os indivíduos adquirem sobre seu potencial de intervir e construir a História. Essa atitude crítica está relacionada ao pensamento positivista e

1 Bolsista do PET-Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO – ca_lavorati@yahoo.com.br.

2 Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste, E-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

a necessidade da construção de uma história nacional.

No entanto, chamamos atenção, em especial, para a série de mudanças conceituais ocorridas na história e na literatura, que promoveram um redimensionamento nos paradigmas do romance histórico clássico e contribuíram para o aparecimento do novo romance histórico. Esse novo modelo surgiu no século XIX e foi chamado de novo romance histórico. Uma de suas características é a descrença na existência de objetividade na linguagem. Essa visão está relacionada com a visão da linguagem como produto de uma prática social que é subordinada por uma série de convenções que impossibilitam a existência dessa objetividade. A linguagem é compreendida, nesse momento, como um meio subjetivo de retratação de uma realidade plural e multifacetada. Combinadas a esses novos conceitos surgem narrativas que, livres das amarras do romance histórico clássico, exploram as múltiplas possibilidades de utilização do fato histórico.

Dessa maneira, o projeto de pesquisa tem como proposta analisar os diálogos entre literatura e história na narrativa do novo romance histórico. A análise seguirá pelos caminhos da crítica e da teoria literária, com enfoque para a linha teórica de White Hayden, Seymour Menton, e para as reflexões de Linda Hutcheon sobre o pós-modernismo. Integramos como *corpus* de pesquisa uma leitura crítica do romance *Vigília del Almirante* de Augusto Roa Bastos, analisando-o em sua relação com o discurso histórico e investigando questões que dizem respeito à natureza poética e ao lugar da imaginação na história. Como se trata de um romance circunscrito nos territórios da América Latina, agregaremos as teorias já citadas aos estudos desenvolvidos por Alonso Amado sobre o novo romance histórico latino-americano. Nesse sentido, buscaremos compreender como

se concretiza a representação literária dos acontecimentos históricos nas narrativas, bem como o modo como essa matéria histórica é (re) inventada por Augusto Roa Bastos na busca da identidade americana.

Levando em consideração os apontamentos acima, salientamos a importância da pesquisa em vários aspectos. Em primeiro plano, colocamos a necessidade presente de contribuir na construção de um conhecimento mais detalhado e integrado da cultura latino-americana e isso será feito, em específico, por meio de estudos sobre o romance-histórico latino americano, enfocando o papel assumido por suas representações na construção de uma nova identidade latino-americana mediante as diferentes releituras feitas da América. Bem como, aprofundar pesquisas sobre narrativas que abordam questões da história a partir de uma perspectiva oposta à versão da história oficial. São narrativas que optam pela pluralidade discursiva e dão voz a outra história que foi ignorada, ou mesmo manipulada, pela história oficial.

A confluência histórico-literária

Os debates sobre a dinâmica histórico-literária foram intensificados com o surgimento de teorias que questionam a objetividade do historiador e, conseqüentemente, as noções da verdade na história. Os novos historiadores passam a pensar na história como uma prática social que está amparada no simbólico e mediada pelo subjetivo. A partir disso, reconhecem a existência de ambigüidades nas construções discursivas e defendem, portanto, que a história ao ser pensada pelo viés da narrativa explora territórios da ficção.

Paul Sutemeister (2009), ao citar Hayden White (1995), aponta que todo o trabalho histórico utiliza como 'veículo' a narrativa, ou seja, utiliza uma representação ordenada e coerente de eventos/acometimentos em tempo seqüencial.

Ele conclui que toda a explanação histórica é retórica e poética por natureza. Para Luiz Costa Lima (2006), o historiador não está livre de praticar a mimise, pois o ato de reconstituição do passado traz sempre ao seu lado as marcas do tempo e do lugar social que ocupava. Notamos, portanto, que as fronteiras que delimitam o gênero histórico e o literário tornam-se mais permeáveis, no momento em que a história passou a ser vista, por muitos estudiosos, como um discurso de ficcionalização da realidade.

A pós-modernidade, ao romper com o cientificismo e o racionalismo moderno, instaura um novo paradigma calcado nas artes. Diante, pois, da emergência de um paradigma ético-estético na pós-modernidade, o conhecimento histórico, a escrita da história mudam de estatuto. Podemos, enfim, livra-nos da cientificidade, entendida como produção de um conhecimento capaz de apreender a verdade única do passado, das leis eternas e imutáveis, das organizações estruturais, sistêmicas, o que já foi feito inclusive pelas chamadas ciências da natureza. Podemos voltar a enfatizar a dimensão de nosso conhecimento e de nossa prática. Tomar a História como arte de inventar o passado, a partir dos materiais dispersos deixados por ele. (ALBULQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 63 e 64)

Nesse caso, o discurso histórico configura-se como um espaço onde estão presentes;

[...] relações entre um lugar (um recrutamento, um meio, um ofício, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (literatura). É admitir que ela faz parte da 'realidade' da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada 'enquanto atividade humana, 'enquanto prática. Nessa perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas 'científicas' e de uma escrita. (CERTEAU, 2002, p.66).

Essa visão do discurso enquanto prática social irá se ligar às reflexões sobre a interferência do sujeito na produção do discurso, já que esse sujeito passa a ser visto como incapaz de se despir das influências sócio-históricas-ideológicas em seu trabalho com a linguagem.

No entanto, essa visão sobre a faceta ficcional da narrativa histórica, nem sempre

apresentou os atuais contornos. No século XIX, surge o romance histórico clássico, em meio a transformações sociais, políticas e econômicas vividas que trazem à tona, nos indivíduos, a consciência da história e dos seus reflexos na vida dos homens comuns, das massas populares. Essas ideias prepararam o terreno para a aceitação do caráter científico que será proposto pela história. Por sua vez, é desencadeada a ideia de nacionalidade atrelada à visão positivista da história, ou seja, crê-se na força que a história pode desempenhar para a criação de uma identidade nacional. Embasada em feitos do passado e legitimados pelo presente, surgem com força e profunda aceitação romances históricos que, apoiados na reconstrução de fatos históricos, têm a intenção de “conquistar sua especificidade e sua independência em relação à Literatura; a preocupação com o rigor e com a objetividade impera na pesquisa histórica, opondo-a diametralmente à livre invenção romanesca.” (FREITAS, 1986, p.2).

Dessa forma, o romance histórico clássico passa a compor-se como um instrumento de exaltação e consolidação do sentimento nacionalista que tem o objetivo de, ao resgatar uma história passada, ser agente dessa história, construindo uma versão que sirva a interesses de hegemonia e supremacia. Considera-se, então, que “o discurso historiográfico adquiriria sentido, a institucionalização do fazer história ganhava um objetivo estratégico que era o de recuperar o passado nacional, o passado da civilização ou mesmo o passado que precisava ser revolucionado.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 57)

O romance histórico clássico, segundo Lukács, tem sua origem relacionada ao romance romântico, *Ivanhoe*, escrito por Walter Scott. (LUKÁCS, 1969). Foi a partir do estudo dessa obra que Georg Lukács classificou o gênero romance histórico, posteriormente, definido por

Antônio Esteves por meio do seguinte esquema:

1- A ação do romance ocorre num passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade de seu tempo.

2- Sobre esse pano de fundo histórico situa-se a trama fictícia, com personagens e fatos criados pelo autor. Tais fatos e personagens não existiram na realidade, mas poderiam ter existido, já que sua criação deve obedecer a mais estrita regra de verossimilhança. (1998, p. 129)

Os debates entre História/ficção ganharam rumos diferentes com o novo romance histórico - subgênero do romance – que surgiu em meio a mudanças conceituais, tanto na área da história quanto da literatura. Na História, as mudanças advêm do surgimento da nova história - na terceira geração da - *École des Annales*. A publicação que deu origem ao termo novo história foi a obra “Fazer a História”, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora). Em síntese ela defende que a mente humana não reflete diretamente a realidade e, com isso, é reconhecido o papel ativo da linguagem na representação da realidade. A história passa a ser encarada pelo viés do relativismo cultural e os historiadores que seguem esses novos parâmetros defendem;

percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, num entrelaçamento que varia de uma cultura para a outra. Nesse situação, nossa percepção dos conflitos é certamente mais realçada por uma apresentação de pontos de vista opostos do que por uma tentativa, como a de Acton, de articular um consenso. (BURKE, 1992, p.15)

Ou seja, a história vai expandir sua área de atuação, como também lançará um olhar novo sobre o seu objeto de estudo. Dessa forma, sob uma “forte influência interdisciplinar de saberes como a sociologia, a psicologia social e a antropologia, inicialmente, a história alargou seu leque de leituras estabelecendo um diálogo fértil com outros saberes, dessa forma, novas abordagens

foram possibilitadas”. (SILVA, 2007, p. 3). É nesse contexto de pluralidade e interdisciplinaridade que o novo romance histórico se desenvolve e difunde.

Dessa forma, podemos observar que na nova história encontraremos como base filosófica a idéia de que a realidade é social ou culturalmente constituída (BURKE, 1992). Nesse sentido, cai por terra as distinções entre o que é central ou periférico na história e, conseqüentemente, a idéia de que a história devia ter como base documentos e registros oficiais e se apoiar, primordialmente, neles, o que a colocava em negligência com outras fontes e a mercê da visão oficial, além de destoar da visão de cima que conduzia a história tradicional, concentrada em registrar apenas grandes personagens e acontecimentos, colocando os demais atores sociais como simples coadjuvantes da trama. Dessa maneira, é trocado “o individual, para o fragmento, para a percepção atomizada do mundo que caracteriza o homem de hoje, na medida em que o autor é um demiurgo que conta a sua versão de uma História possível”. (MELLO, apud PELLEGRINI, 1999, p. 116)

As mudanças conceituais no âmbito da teoria literária também contribuíram com o surgimento do novo romance histórico. As narrativas desse subgênero utilizaram os recursos disponibilizados pelo ficcional para recontar/reconstruir um determinado fato histórico. Sob tutela da ficção é permitido que o novo romance histórico trabalhe com a matéria histórica de modo livre, desassociado da versão cristalizada pela história oficial. Desse modo, podemos dizer que o novo romance histórico, surgido no século XX, superou os limites da mera descrição do real. É uma narrativa que busca problematizar o real por meio da análise e reinterpretação da realidade.

O que move esse novo romance histórico é a vontade de reinterpretar o passado com os olhos livres das amarras conceituais criadas

pela modernidade européia do século XIX, é a consciência do poder da representação, da criação de imagens e, conseqüentemente, do poder de narrar e de sua importância na constituição das identidades das nações modernas. (FIGUEIREDO, 1997, p. 2.)

Dessa maneira, o fato histórico e os personagens da história são abordados pelo escritor de maneira mais livre e subjetiva, abrindo espaço para a construção múltipla de sentidos, que se apóia na exploração dos detalhes que compõe a trama e na humanização de seus personagens;

lançando mão de uma série de artimanhas ficcionais, que vão desde a ambigüidade até a presença do fantástico, inventando situações, deformando fatos, fazendo conviver personagens reais e fictícios, subvertendo as categorias de tempo e espaço, usando meias-tintas, subtítulos e intertextos – recursos da ficção e não da história -, trabalhando, enfim, não no nível do que foi, mas no daquilo que poderia ter sido. (PELLEGRINI, 1999, p. 116)

Uma obra de destaque, dentro dessa nova abordagem, é *Metahistory* de Hayden White que foi publicada no início da década de 70 do século XX. Nesse livro encontramos reflexões sobre a história à luz de teorias da literatura. Hayden White (1992) considerou a historiografia como uma narrativa, que longe de manter a objetividade, lança-se ao vasto universo das possibilidades, do subjetivismo; e, para isso, utiliza várias estratégias discursivas na sua construção,

que vão desde a ambigüidade até a presença do fantástico, inventando situações, deformando fatos, fazendo conviver personagens reais e fictícios, subvertendo as categorias de tempo e espaço, usando meias-tintas, subtítulos e intertextos – recursos da ficção e não da história -, trabalhando, enfim, não no nível do que foi, mas no daquilo que poderia ter sido. (PELLEGRINI, 1999, p. 116)

Linda Hutcheon (1991) em sua obra *A poética do pós-modernismo* cita Hayden White (1984) para definir que a narrativa histórica configura o corpo de acontecimentos que serve como seu referente básico e transforma esses

‘acontecimentos’ em indícios de padrão de sentido que nenhuma representação *literal* deles poderia jamais produzir. “A metaficção historiográfica, por exemplo, mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade do conhecimento histórico” (HUTCHEON, 1991, p.142).

Os trabalhos recentes de Hayden White, Paul Veyne, Michel de Certeau, Dominick LaCapra, Louis O. Mink, Fredric Jameson, Lionel Gossman e Edward Said, entre outros, levantaram a respeito do discurso histórico e de sua relação com o literário as mesmas questões levantadas pela metaficção historiográfica: questões como as da forma narrativa, da intertextualidade, das estratégias de representação, da função da linguagem, da relação entre o fato histórico e o acontecimento empírico, e, em geral, das conseqüências epistemológicas e ontológicas do ato de tornar problemático aquilo que antes era aceito pela historiografia – e pela literatura – como uma certeza. (HUTCHEON, 1991, p. 14)

Desse modo, podemos aproximar a metaficção historiográfica e o novo romance histórico pela característica de serem textos que têm como base um acontecimento histórico, ou seja, ambas são narrativas que usam na construção de seu discurso a Histórica. No entanto, a metaficção historiográfica tem como característica marcante a utilização da paródia, da carnavalização e da dialogia, recursos estes, que não são necessariamente utilizados em todos os exemplares do novo romance histórico. Ressaltamos que o objetivo do trabalho não engloba a análise dos conceitos bakhtinianos nas narrativas históricas, por isso, eles não serão explorados nessa pesquisa.

No entanto, essas narrativas – metaficção historiográfica e novo romance histórico - não têm mais preocupações em manter uma aliança com a “verdadeira” História nacional. Como aponta Cristiano César Gomes da Silva (2007) em seu artigo - *Entre a História e a Literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos*

olhares em Graciliano Ramos.

Eles podem recriar, reinventar personagens na busca de melhor representar suas idéias. Não há mais a necessidade de se criar ou identificar o patriotismo ou a nacionalidade como nos romances históricos do século XIX e, por isso, cabe ao autor adentrar na História e tirar dela o que de melhor houver para a representação ficcional, sem compromisso com a História oficial. (p. 43)

Essas narrativas, portanto, não mantêm o compromisso com o real, mas sim, com o verossímil, que é uma realidade possível e que, por isso, transmite uma idéia de verdade, uma idéia de realidade possível.

Não estamos sendo testemunhas de uma degeneração rumo ao hiper-real sem que haja origem ou realidade, mas sim um questionamento sobre qual pode ser o sentido “real” e de maneira podemos conhecê-lo. A função da reunião entre o historiográfico e o meta-ficcional em grande parte da ficção contemporânea, desde as obras de Fowles e de Doctorow até as de Eco e de García Márquez, é conscientizar o leitor sobre a distinção entre os acontecimentos do passado que realmente ocorreu e os fatos por cujo intermédio proporcionamos sentido a esse passado, por cujo intermédio presumimos conhecê-lo. (HUTCHEON, 1991, p.281)

Essa visão está inserida no contexto da pós-modernidade que segundo Linda Hutcheon (1991, p.20) é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia – seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, (...) na historiografia; “ é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade”

Como nosso objeto de estudo é um produto do novo romance histórico latino americano é importante abordarmos a situação do gênero nesse território. Nas últimas décadas, as narrativas literárias, construíram-se, a partir, de temas polêmicos que problematizavam a História latino-americana. O romance do escritor argentino Alejo Carpentier, *O reino deste mundo*, é considerado o marco do gênero, pois nele encontramos as

principais características que apareceram em outros romances produzidos a partir, da década de 70, do século XX.

Ocorre, portanto, um tensionamento do discurso histórico e a produção de novas significações por ela promovida na modernidade. É nesse contexto que os autores encontram espaço para trabalhar com culturas periféricas. Nessa perspectiva, destacam-se as narrativas de Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa, Isabel Allende, Gabriel Garcia Márquez, Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos, entre outros.

O novo romance histórico na América Latina se alimentará de lendas, fantasias e imaginação, e também, se ocupará de trabalhar com os personagens históricos que, em algum momento, estiveram ligados a sua História.

Desde a sua descoberta, a América revelou-se um terreno fértil para a fantasia, para a imaginação. Portanto, é do cruzamento de fantasias, lendas e literatura que o novo continente assegura sua existência e se firma como fonte em potencial para a ficção. Não só a sua impressionante geografia passou a ser matéria para o relato ficcional, mas também os homens e as mulheres que compõem a vasta galeria de personalidades históricas da América Latina. (BATOSO, 2004, s/p).

Os fatos e personagens históricos migram para o território da ficção e permitem, dessa forma, que se reveja à história do continente sob outra ótica. Enfim, propiciam a coexistência amigável e complementar entre a História e a ficção.

O romance de Augusto Roa Bastos, *Vigília del Almirante*, será utilizado, posteriormente, como corpus de pesquisa desse estudo, já que pode ser considerado um exemplar que se enquadra dentro das características do novo romance histórico. Por meio dele, lançaremos questionamentos sobre a identidade da América Latina e, também, sobre alguns dos personagens de sua História.

Referências

- AGUIAR, Flávio et alii (orgs.). **Gêneros de fronteira. Cruzamentos entre o histórico e o literário.** São Paulo: Xamã, 1997.
- BASTOS, Augusto Roa. **Vigília del Almirante.**
- BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** 2. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **Ficção latino-americana.** Porto Alegre: UFRGS, 1988.
- CHIAPPINI, Lígia & AGUIAR, Flávio (orgs.). **Literatura e história na América Latina.** São Paulo: Edusp, 1993.
- ESTEVES, Antonio R. **Considerações sobre o romance histórico (No Brasil, no limiar do séc. XXI).** Revista de Literatura, História e Memória. Vol.4, nº4, p. 53-66, 2008.
- _____. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, L. Z. (org). **Estudos de literatura e estética.** São Paulo: Arte & Ciência (UNESP – FCL Assis), 1998. p. 125-158.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de. O romance histórico contemporâneo na América Latina. **Revista Brasil de Literatura.** Rio de Janeiro: 1997. Também disponível em: <http://members.tripod.com/~lflilpe/Vera.html>. Acesso em: 23/07/2008.
- FREITAS, Maria Teresa. **Literatura e história.** São Paulo: Atual, 1986.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção.** Trad. de Ricardo Cruz. Rio, Imago, 1991.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____, Jacques. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1990, p.
- LEENHARDT, Jacques & PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária.** Campinas: Unicamp, 1998.
- SANTOS, Pedro Brum. **Teorias do romance: relações entre ficção e história.** (org). Santa Maria: Ed. UFSM, 1999.
- MENTON, S. La nueva novela histórica: definiciones y orígenes In: La nueva novela histórica de la América Latina. México: FCE, p. 29-66, 1993.
- PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. **Olhar** - Revista do CECH (Centro de Ciências Humanas).
- SUTERMEISTER, P. **A meta-história de Hayden White: uma crítica construtiva à ciência histórica.** Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, v. 97, p. 43-48, 2009
- SILVA, Cristiano Cezar Gomes. **Entre a história e a literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos.** Revista Fênix- Revista de História e Estudos Culturais. Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2007 Vol. 4 Ano IV nº 4. ISSN: 1807-6971 Disponível em: www.revistafenix.pro.br
- WHITE, Hayden. Introdução. Meta-História. A imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1992.
- _____. “O texto histórico como artefato literário.” In: Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001, pp. 97-116.

Artigo enviado em: 23/08/2010

Aceite em: 05/09/2010